

***Exeundum esse e statu naturali* – considerações sobre o «estado de natureza de segundo grau»**

MIGUEL NOGUEIRA DE BRITO

1. Introdução

Numa nota da sua obra *A Religião nos Limites da Simples Razão*, de 1793 – quatro anos antes de publicar a *Metafísica dos Costumes* – Kant escreveu¹:

«A máxima de Hobbes segundo a qual *status homini naturalis est bellum omnium in omnes* [o estado natural para o homem é a guerra de todos contra todos] não contém outro erro senão o de que deveria dizer: *est status belli* etc. Ainda que não se admita que entre homens que não se encontram sob leis externas e públicas dominem sempre efectivas hostilidades, o seu estado (*status iuridicus*), i. e., a relação em e pela qual eles são susceptíveis de direitos (da aquisição ou conservação dos mesmos), é, contudo, um estado em que cada qual quer ele próprio ser juiz sobre o que é o seu, sobre o que seja o direito em face dos outros, mas não tem quanto a isso por parte dos outros nenhuma segurança, nem lha dá a eles, para além daquela que para cada qual resulta do seu próprio poder; é um estado de guerra em que cada um deve estar constantemente armado contra todos os outros. A segunda máxima de Hobbes: *exeundum esse e statu naturali* [dever sair-se do estado de natureza] é uma consequência da primeira. Pois tal estado é uma lesão contínua dos direitos de todos os outros por meio da pretensão de ser juiz em causa própria e não deixar aos homens nenhuma segurança quanto ao que é seu, senão o seu próprio arbítrio.»²

N.E. Por decisão do Autor, este texto é publicado segundo a ortografia anterior ao novo Acordo Ortográfico.

¹ Em todas as citações das obras de Kant incluirei, a seguir à indicação das edições usadas, a referência, entre parênteses, do volume e paginação correspondentes da edição da *Deutschen Akademie der Wissenschaften zu Berlin*, designada *Akademie-Ausgabe* (abreviadamente AA), ou às edições originais, para facilitar a referência dos textos. As citações seguem as traduções portuguesas indicadas, ainda que por vezes com ligeiras modificações.

² Cf. Kant, *A Religião nos Limites da Simples Razão*, tradução de Artur Morão, Edições 70, Lisboa, 1992, p. 103, nota 37 (AA VI, 97/nota).